

O ERÓTICO NA FOTOGRAFIA DE TEE CORINNE

VANESSA CRISTINA DIAS¹; CAROLINE LEAL BONILHA²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessacristinadias_live@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Artes – licenciatura em 2021 pela UFPel, temática que está sendo ampliada no mestrado em Educação também na UFPel.

Em 1985, surgia o grupo de mulheres artistas denominado *Guerrilla Girls*, com denúncias contra uma hegemonia cis masculina e branca nos acervos dos principais museus mundiais. O grupo ainda é ativo e questiona tanto a falta de representatividade das mulheres, quanto às suas representações objetificadas, idealizadas e passivas, em obras de arte.

A representação da mulher na história da arte é um tema recorrente em pesquisas. A professora e pesquisadora Luciana Loponte (2002), denominou de “pedagogia visual do feminino” a problemática da naturalização e legitimação o corpo da mulher cis como objeto de contemplação e desejo, transformando esse modo de ver particular na única verdade possível, rotulando mulheres de diversas formas em obras de arte (LOPONTE, 2002, p. 283-284).

O apagamento de mulheres artistas na história da arte foi escancarado por Linda Nochlin, Griselda Pollock, Whitney Chadwick, Ana Paula Cavalcante Simioni, entre outras. Nesse sentido, a artista lésbica Tee Corinne (1943-2006), foi escolhida em função do apagamento e invisibilização, que conforme a pesquisadora Livia Auler explica, a mulher artista e lésbica pode ser considerada duplamente invisível na arte, pois:

[...] primeiramente por ser mulher e, ainda, por se relacionar afetiva e sexualmente com outras mulheres. Ela não está conectada, de diversas formas, aos homens e, por isso, pode ser condenada a uma enorme marginalidade. Apesar disso, são muitas as mulheres que se relacionavam com outras mulheres e, mesmo com poucos registros, algumas delas deixaram rastros – alguns mais explícitos e outro menos – que atualmente podem ser revistos e reinterpretados. (AULER, 2018, p. 128)

Temos em vigência a lógica heteronormativa, que presume primeiramente, a designação entre macho ou fêmea, assim que nascemos. E, que ao longo da vida, “implica em assumir o gênero feminino ou masculino”, e prevê ainda, a expressão do desejo pelo sexo/gênero oposto, que é a heterossexualidade compulsória, uma imposição que incorpora sexo, gênero e sexualidade (LOURO, 2007, p. 88).

A heteronormatividade, está imbricada com o pensamento normativo dominante ideológico da cultura ocidental, que coloca homem/mulher, cultura/natureza, corpo/mente, masculino/feminino, sujeito/objeto, heterossexual/homossexual, etc. em “dualismos de valor” (GAARD, 2011) que são “formas de organizar conceitualmente o mundo em termos binários distintos”, isto é, fica estabelecida uma relação de hierarquia e superioridade (GAARD, 2011, p. 199-200), na qual o homem está acima e em oposição a mulher excluída na inferioridade, por exemplo, e por isso, patriarcal.

A ecofeminista Greta Claire Gaard (2011), levanta o binarismo razão/erótico, para ela, o erótico não se refere “exclusivamente à sexualidade, mas também de forma mais geral à sensualidade, espontaneidade, paixão, alegria e estimulação prazerosa” (GAARD, 2011, p. 200). A definição de erótico levantada por Gaard expõe que no pensamento ocidental, o erótico é colocado como isolado e inferior a razão. Para ela, não se trata apenas da sexualidade ou ato sexual. Isto é, o erotismo pode ser ligado à sexualidade ou não. Assim como para Audre Lorde, respeitada escritora, feminista, negra e lésbica, que entende o erótico como “a personificação de amor em todos seus aspectos” (LORDE, 1984, p. 11). Para ela, o erotismo também tem relação com uma força vital, uma energia criativa, que se relaciona com a sexualidade, pensado na forma de prazer intelectual e físico (LORDE, 1984).

Não é em vão que existe a “erotofobia”, “um medo do erótico tão forte que apenas uma forma de sexualidade é abertamente permitida; em apenas uma posição; e somente no contexto de certas sanções legais, religiosas e sociais” (GAARD, 2011, p. 202). A heterossexualidade normativa é um *locus* de opressão a todo sujeito que a nega em algum aspecto. Foucault, especulou sobre uma sociedade menos normatizadora. Em entrevista, ele nos dá pistas de que é possível produzir com o corpo, um outro erótico:

É preciso inventar com o corpo, com seus elementos, suas superfícies, seus volumes, suas densidades, um erotismo não disciplinar: o do corpo em estado volátil e difuso, com seus encontros ao acaso e seus prazeres não calculados. (FOUCAULT, 2009, p.370)

Diante dessas problemáticas, questiono de que modo a fotografia *Woman in wheelchair with other woman, kissing* de Tee Corinne perpassa um erótico feminista e não disciplinar?

2. METODOLOGIA

Para responder à pergunta, utilizo uma abordagem qualitativa a ser realizada por meio da leitura de uma fotografia (apenas uma em função do limite de páginas desse texto) da artista Tee Corinne, na qual a mesma traz certos corpos e a sexualidade lésbica. Dividi a leitura em 2 parágrafos, primeiro descrevo a imagem e depois faço a leitura subjetiva a partir do meu olhar feminista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fotografia escolhida (Figura 1), intitulada *Woman in wheelchair with other woman, kissing* (1979), é uma das fotografias da estadunidense Tee Corinne, que foi uma artista que fazia uso da solarização em suas fotografias. Ela atribuiu à solarização um processo de preservação da identidade de suas modelos, por medo de repressão, já que a maior parte da sua produção foi feita durante a década de 70, época de efervescência de pautas que evoluíram a homossexualidade e o feminismo, conhecida como a 2ª onda do feminismo. Seu tema principal eram basicamente, mulheres cis lésbicas e sua relação com o sexo e a sexualidade. A artista colocava o sexo como central para a identidade e comunidade lésbica, frequentemente trazia amantes da vida real e incluía mulheres cis gordas, velhas e negras. Procurou fazer imagens que pareciam estar ausentes no mundo ao seu redor.

Figura 1 – Tee Corinne, *Woman in wheelchair with other woman, kissing*, 1979.



Fonte: <http://www.broodthaers.us/index.php?id=210,320>

A obra *Woman in wheelchair with other woman, kissing* é uma fotografia analógica em formato vertical, de dimensões desconhecidas, colada em um papel cinza de dimensões também desconhecidas. Corinne, capturou duas mulheres se beijando, uma delas encontra-se em uma cadeira de rodas, a qual vemos toda a lateral de seu corpo. Da outra mulher, vemos apenas a uma parte de seu buste e de sua face. Apesar da fotografia solarizada, é possível identificar um beijo, a nudez. Um dos braços da mulher fora da cadeira de rodas está entre as pernas da parceira que encontra-se sentada na cadeira.

No beijo há a consumação do desejo entre as duas mulheres. Uma segura a cabeça da outra em uníssono. Me perpassão, por meio da fruição, sensação de devoramento e ao mesmo tempo de afeto entre as mulheres. O braço, mesmo que tímido pela solarização, é importante pois revela a vulva ativa da mulher cadeirante, contrariando o senso comum. Dessa forma, a imagem é emblemática, inundada em prazer e amor. Se faz importante abranger um erótico que não o da heterossexualidade compulsória, segundo Corinne: “A erótica lésbica é importante, se não por outro motivo, porque retrata mulheres que amam mulheres através da lente, caneta ou pincel da mulher que sabe e sente como é essa experiência” (AULER, 2020, p. 143 apud CORINNE; LAPIDUS, 1982, p. 14).

4. CONCLUSÕES

O erotismo se encontra justamente na intimidade, no prazer e no afeto. A obra de Corinne, subverte a imagem de que mulheres e pessoas com deficiência não são seres desejantes, nem possíveis de serem desejados. A subversão dos padrões de sexualidade, corpo, normatividade e estereótipos, acontecem através da representação de duas mulheres lésbicas fora do padrão social de magreza e, do enfoque atípico em uma pessoa com deficiência. Sendo assim, as obras refletem para um erótico feminista e não disciplinar, pois há uma quebra das normas e da

lógica dos corpos, prazeres e sexualidades calculados. Em ambas as imagens não há passividade, as mulheres aparecem como sujeitas inteiras, que desejam e são desejadas.

Desta forma, pode-se admitir que Tee Corinne, atuou com uma prática artística feminista que produziu rupturas e deslocamentos no pensamento ocidental dualista binário e na lógica heteronormativa, na busca pela libertação sexual das mulheres lésbicas, por “reinventar o erotismo, construir novas formas de prazer, libertar o perverso, resgatar o desejo” (MORAES, 1984, p. 47). Tee Corinne marca um processo intenso de produção de uma subjetividade erótica, imbricando arte e vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULER, Livia. Mulheres que amam mulheres: uma investigação na história das artes visuais. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, ano 8, p. 125-135, dez. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/82880/52171>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

AULER, Livia. Tee Corinne e Barbara Hammer: sobre artistas lésbicas e o erotismo entre mulheres. In: Seminário Internacional Bienal 12. Anais: **Feminismo(s) visualidades, ações e afetos**. Fundação Bienal do Mercosul, Porto Alegre, RS, 2020, p. 141-147. Disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br/_files/ugd/af02ce_25e71233bb4b4c42877ad2ac1b95b75b.pdf>. Acesso em: 31 out 2021.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III**. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Org.: Manoel Barros da Motta. 2 ed. p. 366-370. Rio de Janeiro: Forense Universitana, 2009.

GAARD, Greta. Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 197-223, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100015>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LOPONTE, Luciana G. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283-300, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LORDE, Audre. Uses of the Erotic: The Erotic as Power. New York: The Crossing Press Feminist Series, p. 53-59, 1984. In: **Zine Textos escolhidos – Audre Lorde**. Editora Heretica. Disponível em: <<https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/AUDRE-LORDE-leitura.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho - Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2.ed. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2007.

MORAES, Eliane R.; LAPEIZ, S. **O que é pornografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

STUBS, Roberta. TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. LESSA, Patrícia. Ativismo, estética feminista e produção de subjetividade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n238901>>. Acesso em: 13 out. 2021.